



O Novo Rural e Suas Implicações na Atualidade

El Nuevo Rural y sus Implicaciones en la Actualidad

E2_08_12 - Núcleos e cidades, modos de vida e práticas sociais

Autora: Maria Esther Vaz Mendes

Universidade do Vale do Paraíba, Brasil,
mariaesthermendes1@gmail.com

Orientadora: Profa Dra. Lidiane Maciel

Universidade do Vale do Paraíba, Brasil,
lidiane@univap

Resumo: O artigo discute o movimento dos neorurais no Vale do Paraíba Paulista, pessoas as quais saem das capitais para encontrarem um espaço rural maior contato com a natureza, um cotidiano tranquilo e qualidade de vida (Carneiro, 1998). Neste artigo, discute-se a temática à partir das vivências dos moradores do bairro dos Souzas em Monteiro Lobato/SP e os impactos que geram na cidade por meio de suas práticas laborais e culturais. Em razão da modernização das indústrias, na vizinha São José dos Campos e outras dinâmicas da economia regional, agricultores vulneráveis decidiram ir para outras cidades da região, esse movimento migratório liberou determinadas terras no município, promovendo certo esvaziamento do rural. A gestão política local decidiu a partir dos anos 2000 investir pesadamente no turismo verde e no valor histórico do município, o que atraiu novos moradores, chamados por esse trabalho de neorurais.

Palavras-chave: Novo Rural. Cultura Caipira. Cidades Pequenas.

Resumen: El artículo analiza el movimiento de los neorrurales en el Vale do Paraíba Paulista, personas que salen de las capitales en busca de un espacio rural con mayor contacto con la naturaleza, una vida cotidiana tranquila y calidad de vida (Carneiro, 1998). En este artículo, la temática se aborda a partir de las vivencias de los habitantes del barrio dos Souzas, en Monteiro Lobato/SP, y de

los impactos que generan en la ciudad a través de sus prácticas laborales y culturales. Como resultado de la modernización de las industrias en la vecina ciudad de São José dos Campos y de otras dinámicas de la economía regional, agricultores en situación de vulnerabilidad decidieron trasladarse a otras ciudades de la región. Este movimiento migratorio liberó determinadas tierras en el municipio, promoviendo un cierto vaciamiento del espacio rural. La gestión política local decidió, a partir de los años 2000, invertir fuertemente en el turismo verde y en el valor histórico del municipio, lo que atrajo a nuevos residentes, denominados en este trabajo como neorrurales.

Palabras-clave: *Nuevo rural. Cultura caipira. Ciudades pequeñas.*

Introdução

A proposta do artigo consiste na investigação dos neorurais da cidade de Monteiro Lobato com 4.138 habitantes, segundo o Censo Demográfico - IBGE de 2022. Pretende-se transcrever as formas de socialização vivenciadas pelos habitantes deste espaço, e analisar os impactos sócio, histórico e culturais para a constituição da subjetividade da população da cidade, e como estes fatores também são relacionados à comportamentos, os quais reverberam na contemporaneidade. A história de Monteiro Lobato/SP se constrói por elementos rurais e uma cultura caipira ainda muito presente na população. A perspectiva da “novo rural” como nova ferramenta midiática e publicitária vende uma vida fora da cidade, na tranquilidade da zona rural, com contato com a fauna e flora. Por trás destes elementos idealizados, tem-se uma realidade em que a classe trabalhadora rural sustenta alguns luxos dos novos moradores citadinos que chegam.

O trabalho busca, então, evidenciar as relações entre os neorurais e os moradores antigos da cidade de Monteiro Lobato, e como essa dinâmica pode mudar o território e as relações sociais. E como os de fora vão interpretar uma cultura a qual acaba de adentrar, os pré-conceitos por se tratar de pessoas que vieram das capitais e apenas tiveram contato com cidades pequenas e interioranas através das mídias as quais evocam aspectos fantasiosos e exóticos do meio rural. Além de trazer para debate como o turismo contribui para a gentrificação verde.

Este debate abrange para além do cenário local, mas também de transformações a qual ocorre em grande parte dos meios rurais do estado de São Paulo (Balsadi, 2001). Após a revolução industrial e a modernização dos equipamentos da agropecuária, as cidades interioranas, onde predomina-se o meio rural, tiveram de adaptar seus meios econômicos para além do agropecuário (Da Silva, 1997).

O trabalho toca, então, na questão fundamental para o Vale do Paraíba Paulista concernente à Cultura Caipira e modo de vida. Diversos estudiosos da cultura caipira passaram a caracterizar os sujeitos pesquisados — os antigos habitantes do meio rural — como indivíduos reclusos, rústicos, austeros, primitivos, indolentes e desprovidos de intelectualidade. Tal perspectiva sustentava a ideia de que esses grupos necessitavam ser civilizados por agentes externos, sobretudo os urbanos (Candido, 1975).

Conforme analisa Candido (1975), as formas de socialização camponesa estruturam-se a partir das relações de vizinhança, manifestando-se em eventos religiosos e festivos organizados de acordo com o santo padroeiro de cada bairro rural. Essas ocasiões incluíam festas, terços e o tradicional mutirão, práticas coletivas marcadas pelo compartilhamento de alimentos. No caso do mutirão, a mobilização ocorria mediante a solicitação de auxílio por parte de um dos vizinhos, sendo prontamente atendida pelos demais agricultores. Em retribuição, o proprietário da lavoura oferecia as refeições, gesto que simbolizava reciprocidade e solidariedade comunitária. Ademais, as atividades eram distribuídas de forma alternada entre os participantes, de modo a evitar prejuízos decorrentes do afastamento prolongado de suas próprias produções.

A economia camponesa fundamentava-se na interdependência e na troca de bens, configurando um sistema econômico regional e relativamente autossuficiente. A produção destinava-se prioritariamente ao consumo interno, sendo os excedentes trocados entre os membros da comunidade. Tal organização econômica levou muitos observadores a classificarem esses grupos como preguiçosos, uma vez que não se inserem na lógica da economia externa e hegemônica, tampouco adotavam formas de produção em larga escala, como as observadas nos latifúndios, limitando-se à produção necessária para a subsistência (Candido, 1975). Dessa perspectiva, observa-se que a cultura caipira será reinventada nesse contexto dos neos rurais do Vale do Paraíba.

Considerando esses elementos a metodologia tem por base qualitativa de análises bibliográficas acerca da ruralidade tradicional utilizando as obras “Os parceiros do Rio Bonito” de Antonio Candido, além de livros como Cabral (1992) e Barreto (2012), as quais retratam a história da cidade de Monteiro Lobato. Para o embasamento acerca dos neorurais os artigos de Carneiro (1998), Balsadi (2001) e Da Silva (1997), esses autores trazem as relações entre a introdução de indústrias no Brasil e o turismo que influenciam drasticamente o cenário das migrações dos sujeitos de classe média metropolitana para cidades pequenas. Para complementar a análise, foi utilizado o método etnográfico e netnográfico (Ataíde; De Oliveira, 2021), onde se estabeleceu a observação de locais frequentados pelo público e suas interações sociais. E uma verificação em redes sociais acerca dos coletivos rurais e eventos realizados por eles.

A etnografia e netnografia os agrupamentos dos neorurais, e a discussão acerca da ideologia pregada por eles e a maneira a qual se comportam. Com isso, mostrar a expropriação das terras e cultura local. Os resultados levam à compreender que, estes grupos já assentados em Monteiro Lobato vão construindo seus próprios grupos, ou seja, se relacionam com semelhantes, pessoas vindas de cidades maiores como São Paulo e certos moradores a qual concorde com seus princípios. Os núcleos agrícolas encontrados também revelam uma certa dissonância dos discursos sobre unidade e acesso à novas maneiras de produções agrícolas não nocivas ao solo.

Dessa maneira, o artigo trata-se das tensões entre estes dois grupos e a falta de coerência entre os discursos progressistas e a realidade. Os novos rurais se destacam ao caminhar na cidade por suas roupas largas e manchadas de terra, indicando contato frequente com a terra, mas também chamam atenção pela falta de participação na cidade e alguns até se mostram superiores aos antigos moradores. Com isso, mostrar as problemáticas destes grupos ao adentrarem as cidades do interior sem ao menos conhecer e respeitar sua história, cultura e organização social.

1. O novo rural no Brasil e o perfil de seus moradores

Os novos rurais se configuram em fenômenos urbanos de cidades pequenas desde 1970, onde pessoas das capitais procuram o refúgio de seu cotidiano agitado. Assim se estabelecem em espaços rurais de cidades interioranas à procura de qualidade de vida, contato com o orgânico e natural (Carneiro, 1998). Ainda em Carneiro (1998), às cidades as quais acolhem estes atores sociais são interioranas e constituem uma extensa variedade de plantas e animais, além de terem a cultura da agricultura familiar (ou pelo menos já a tiveram). Com a expansão do capitalismo essas regiões tiveram de se reestruturar de maneira que conseguissem manter-se economicamente. Assim, há uma diminuição de trabalhadores exclusivos da agricultura, pois não podem competir com os novos modelos de produção agrícola, dessa maneira perdendo vendas e não podendo mais sustentar a sua casa. De forma que, são empurrados a um trabalho nos centros urbanos ou se mantêm em suas terras, não mais como proprietário, mas como trabalhadores da propriedade, jardineiro, caseiros, domésticos, colhedores da produção.

Como afirmado por Wanderley (2000), cada espaço rural tem sua singularidade, no entanto, com a tendência da produção vinculada ao agronegócio várias cidades tiveram de arranjar outras formas de economia. Assim, o turismo tornou-se uma solução para cidades de pequeno porte com tradição agrícola. Em Carneiro (1998), a pesquisadora expõe as implicações deste turismo, pois com ele, o município ganha significados de acordo com a visão do público de fora. Estes turistas se atraem pelo exótico e com isso procuram municípios que irão se opor à ideia de urbano vivenciado nas capitais urbanas. De modo que, haverá uma movimentação em torno dos atrativos turísticos de diferentes formas para atrair um público diverso que constrói os novos significados desta cidade (Wanderley, 2000).

Nas sociedades modernas, o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá, não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais, da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda “ressignificação” de suas próprias funções sociais (Wanderley, 2020: p. 96-97).

Os novos habitantes, se caracterizam como pessoas de meia idade, em sua maioria aposentada e de classe média alta, o que de fato é o contrário do que é observado em outros tipos de migração, em que os sujeitos depositam sua esperança de um emprego no seu destino escolhido (Carneiro, 1998). Os novos rurais mudam a sociabilidade destas cidades, o espaço é modificado, trazendo tensões entre os novos e antigos moradores em virtude da definição do que é ser rural. Também há modificações no espaço geográfico, onde o campo era ocupado predominantemente por plantações e pela pecuária e dá espaço às mudanças espaciais devido às novas economias trazidas pela modernidade e o avanço das indústrias (Wanderley, 2000).

Assim, os espaços rurais deixariam de ser prioritariamente produtivos para se tornarem espaços de consumo, voltados em especial para as atividades relacionadas às funções de residência e de lazer, que vão desde as diversas formas de turismo rural até a ocupação do campo por meio de residências permanentes ou secundárias. Com esta inflexão, os espaços rurais deixariam de ser percebidos como um objeto do interesse exclusivo dos agricultores, e mesmo dos antigos habitantes do campo, para se tornarem um “patrimônio” da sociedade, acessível a todos. (Wanderley, 2000, p. 100).

Com essas mudanças espaciais, ocorre o fenômeno da gentrificação, o valor dos imóveis aumenta, por razão da procura para o aluguel por temporada ou até mesmo moradia. Assim se sucede a expropriação das terras dos antigos moradores, como supracitado, ao se depararem em uma

condição em que não há um retorno financeiro para se sustentarem, vendem suas propriedades para os novos rurais, detentores de mais recursos (Torres; Vivian; Taissa, 2019). Estes, vão à procura de casas no meio rural a fim de encontrarem uma pacificidade a qual não encontram nas metrópoles como São Paulo ou Rio de Janeiro. Desejam performar uma vida rural que começou a ser vista como um local de descanso e calmo com uma natureza pitoresca, aspectos fantasiosos que chamam a atenção dos de fora a qual criaram o mito de uma vida camponesa como cita Medeiros (2017).

Segundo Ferraz e Péchy (2021), com a Pandemia de COVID 19 se popularizou os trabalhos a distância e um grande número de pessoas migraram para cidades interioranas considerando que o presencial se faz de maneira esporádica. É importante destacar a alta de 80% no mercado imobiliário de 2022, e a impulsão que tanto a COVID 19 quanto os trabalhos *home office* tiveram nessa mobilidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), nos anos recentes houve um aumento significativo de pessoas que migraram para o interior revertendo a tendência de três décadas de acúmulo populacional nas capitais (Oliveira, 2020).

No que diz respeito ao estado de São Paulo, a tendência de maior crescimento populacional do interior é mais antiga. Entre o censo de 1980 e o de 2010, a participação da população da capital já havia caído de 33,8% para 27,3%. E recuou ainda mais na última década, para 26,6%, de acordo com a estimativa do IBGE para 2020 (Oliveira, 2020).

Dessa maneira, além de um espaço recluso e verde, os neo-rurais procuram espaços aos quais cabe o *home office* e tranquilidade. Pois, procuram não estar mais em contato com a violência, trânsito e perturbação que relatam ter nas capitais, escolhendo assim cidades de pequeno porte para se refugiarem destes fenômenos dos centros urbanos. Muitos já conhecem a cidade de destino em razão de terem residência de férias nestes territórios ou familiares, de forma que facilite essa mudança (Ferraz; Péchy, 2021).

2. O Vale do Paraíba Paulista: o município de Monteiro Lobato/SP

O município de Monteiro Lobato, no Vale do Paraíba Paulista, atualmente é um local reconhecido como privilegiado para pessoas que buscam uma cidade interiorana para realizarem seus projetos de vida calma e tranquila. Sua historicidade vinculada à rural marca a cultura popular dos municípios e suas visões ainda de mundo.

Figura 1: O município de Monteiro Lobato/SP.



Fonte: Elaboração a partir da Wikipédia.

Quando ainda era uma aldeia (1830), suas terras havia fazendeiros escravistas com suas plantações de café e um aglomerado de casas. Esses fazendeiros doaram terras a igreja católica a fim de construir uma capela em honra à Nossa Senhora do Bom Sucesso (Cabral, 1992). Neste sentido, com o passar dos anos (1950) a sociabilidade e cultura da cidade Monteiro Lobato, antes, nomeada Buquira, derivada da economia agrícola e pecuária e da forte relação com a religião (Barreto, 2012).

Histórias de assombrações, a qual permeia o meio camponês, que são relacionados principalmente com a religião popular do território, no caso, a católica. Essas histórias são dotadas de elementos culturais das zonas rurais, como, a reza para as almas, procissões, rezas sazonais nas casas dos bairros e logo após um café feito pelo dono da casa. Como os eventos sociais, as festas do município em grande parte eram religiosas, como São Gonçalo, Moçambique e Folia de Reis, além das festas juninas realizadas pela igreja, as quermesses, as quais a população mais antiga se deleitavam (Pereira; Bonservizi, 2003).

Além de outras tradições como a Catira, o grupo se apresentava exclusivamente em batizados e casamentos, mas após 1950, foi incluído em posições católicas. Os artesanatos são marcantes na cidade, as bonecas são feitas com a temática do Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde as artesãs fazem o corpo da boneca de pano e pintam seu rosto, além das bonecas são criados os pereirões, comumente apresentados no Carnaval da cidade (Barreto, 2012).

Os moradores das zonas rurais de Monteiro Lobato, por estarem longe até mesmo de seus vizinhos tinham de ter hortas nas suas casas, além de plantarem alimentos há necessidade de plantas medicinais. Por razão da distância, só se dirigiam ao centro para buscarem querosene e sal, as outras necessidades plantavam e produziam ou trocavam entre si (Pereira; Bonservizi, 2003).

Nos anos de 1950, enquanto as cidades do Vale do Paraíba se industrializavam, principalmente com a criação da EMBRAER e a Fábrica de veículos Volkswagen, Monteiro Lobato continuava no seu modelo econômico agrícola e pecuário. Porém neste período ocorriam mudanças no

cenário agrícola, o governo visava aumentar a produtividade das plantações em regiões como Vale do Paraíba e Minas Gerais do Sul, assim foi-se industrializando os processos agrícolas na região e país. No entanto, Monteiro Lobato mantinha a estrutura tradicional agrícola e pecuária, o que dificultou a permanência integral dos agricultores familiares em suas terras. Assim, sendo forçados a procurarem trabalho no centro (em comércios) e nas cidades vizinhas (Barreto, 2012).

Vários trabalhadores do campo perderam seus lugares para os fazendeiros e latifundiários, os quais tinham produções de grande escala (Medeiros, 2017). Assim, com o passar do tempo a cidade de Monteiro Lobato, perdeu população, e as cidades vizinhas em razão de sua industrialização ganharam, o município parecia estar estagnado. Após duas décadas de queda populacional, na década de 1980 a gestão local (prefeitura) decidiu transformar a cidade em rota turística e histórica por conta de sua cultura tradicionalmente rural e pelo fato de o escritor José Bento Monteiro Lobato ter vivido sua infância no sítio da cidade (Barreto, 2012). A Tabela 1 mostra a evolução da população urbana e rural nos últimos 20 anos, com prevalência para a habitação em áreas rurais do que urbanas, apesar dos últimos anos a população da cidade e campo estarem aproximadas.

Tabela 1: Evolução da População urbana e rural e grau de urbanização

	Urbana	Rural	Total	Urbanização
2000	1.514	2.999	3.613	41,9%
2005	1.628	2.236	3.864	42,1%
2010	1.776	2.340	4.116	43,1%
2015	1.882	2.416	4.298	43,8%
2020	1.983	2.482	4.465	44,4%
2025	2.069	2.525	4.594	45,0%

Fonte: Fundação SEADE - estimativas e projeções populacionais.

Em conjunto com o as estimativas da Fundação SEADE e o supracitado por Barreto (2012), é possível perceber uma crescente em relação a população de Monteiro Lobato, após a cidade voltar a atenção ao turismo verde e o Sítio a qual o escritor que leva o nome da cidade passou sua infância. É de se chamar a atenção a porcentagem urbana que a cada ano se aproxima do número da porcentagem populacional da zona rural, assim marcando uma nova estruturação urbana e um novo questionamento, se os novos habitantes externos, os novos rurais ao passo de ocuparem as zonas rurais a fim de construírem suas chácaras e a construção de pousadas para acolher os turistas.

3. Uma observação etnografica analítica à partir do bairro do Souza e espaços de antigos moradores

Verifica-se, em 2025, que Monteiro Lobato apresenta novos espaços de sociabilidade não necessariamente vinculados ao rural tradicional. No centro da cidade, atualmente há uma livraria e sua proprietária oferece eventos regulares, as quais há discussões de obras que apresentam perspectivas políticas de esquerda e autores independentes. Observa-se que estes temas atraem demasiadamente os novos moradores das áreas rurais, parece-nos que as temáticas discutidas no local compactuam com as pautas dos novos moradores.

Este público são os clientes e consumidores ativos deste estabelecimento. No local, ocorrem várias discussões temáticas e eventos como sarau livre, clube do livro contracolônial, entre outros eventos relacionados a cultura e fomento a leituras não hegemônicas.

Nos encontros do clube de leitura contracolônias em dois encontros sobre os livros “Das Dores” de Maria das Dores de Oliveira e Lidiane Maciel, a obra se trata de uma escrivência sobre a vida de Maria das Dores, ex usuária de drogas e pessoa em situação de rua, a qual realiza seu sonho antigo em se tornar escritora. E “a terra dá a terra quer” de Antônio Bispo, este narra a vivência em comunhão com a natureza em que vivem as comunidades quilombolas e a necessidade de se discutir os “progressos” e sua implicação na sociedade e na natureza.

O primeiro, ocorreu uma inflamação no assunto entretenimento, estudo e contato com diferentes culturas para jovens em Monteiro Lobato, por não ter shopping, cinema, parques, faculdades e técnicos. Para os novos rurais estes afirmam não há necessidades para tais coisas, pois têm o campo, ou seja, podem andar nas matas, nadar nas cachoeiras (em sua maioria propriedades particulares). Além de que mesmo não tendo contato com a juventude da cidade dizem que os adolescentes e jovens adultos não querem sair do campo, onde suas famílias são de origem e o discurso de que faculdade é essencial são superestimados, pois segundo os interlocutores, há muitas opções para além da universidade.

O segundo livro foi debatido sobre o retorno às tradições, afirmando que as pessoas não têm o conhecimento dos antigos métodos de cultivo, cuidado com os animais, enfim formas de viver a partir das culturas da agricultura familiar. Deste modo, uns julgam ser os únicos a experienciarem o verdadeiro rural e respeitarem o seu legado. Uma mulher anunciou ser a única a saber torrar café na cidade, outro a qual o próprio afirma ter vindo da cidade do Rio de Janeiro, diz usar as “gírias” da antiga Monteiro Lobato, as quais ninguém exceto as pessoas que moram no Souza os usam, também narrou suas experiências sendo um homem rural na Europa, onde o julgavam por pisar no chão e por fim este solta a seguinte frase “Nós novos rurais, que viemos do urbano, temos que ensinar a população de Monteiro Lobato o ser rural” além de enfatizar que o retorno à tradição tanto no cotidiano quanto em hábitos alimentares, é questão de desejar e não ser preguiçosos.

Já na estreia do livro baseado na dissertação de mestrado de Vanda Siqueira, que contém relatos sobre o despejo do antigo Pinheirinhos em São José dos Campos (SP). De forma que, incitou debates políticos de maneira a se recordarem do atual estado do Banhado São José dos Campos (SP), local que se encontra em processo judicial iniciado pela prefeitura de São José dos Campos desde 2018 (G1, 2023). Entre três mulheres de mais de cinquenta anos falavam como é terrível esse ato de expulsão até certo ponto. Uma delas a qual tem um grande prestígio na comunidade dos novos rurais diz que, apesar das circunstâncias, o local não é feito para se morar, mas sim rico para o plantio. Assim, uma das vereadoras da cidade expôs sua ideia de um encontro para fundar

o movimento para a fortificação da Mantiqueira, de forma que os movimentos sociais e políticos da redondeza iam discutir o cenário atual da política regional e nacional.

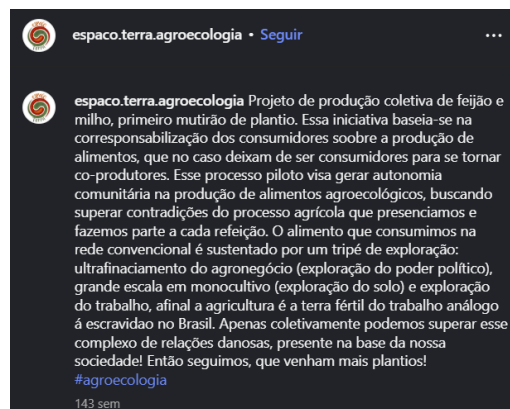
Neste espaço é possível notar diversos discursos marcados pela dinâmica com o território e seus moradores. É importante salientar que nestes eventos só se encontram em grande quantidade ou apenas os neos rurais no espaço, se há um nativo da cidade, o qual não compactua com estes, é perceptível o distanciamento afetivo e físico destes. Segundo Candido (1975), a visão criada dos ruralistas do interior de São Paulo é de que são rústicos, fechados em relação ao novo, simples, não dotado de conhecimento e desprovido de civilidade. Desse modo, ao afirmar o suposto dever dos neo-rurais na educação dos habitantes de Monteiro Lobato em relação a serem autênticos rurais, demonstra sua opinião em relação aos naturais da região, de que precisam da ajuda de quem vem das capitais para se compreenderem naquela sociedade, muito menos detém de conhecimento suficiente para saberem de seu passado para assim, reproduzi-lo. Esta mentalidade se estende às afirmações de que os jovens da cidade não desejam sair da agricultura, apesar dos interlocutores não terem contato com estes adolescentes e jovens adultos reforça essa imagem que os agricultores se sentem felizes por esta em posição subalterna á um patrão dono da terra as quais trabalham (Duby *apud* Wanderley, 2000). Pois, como afirmado por Carneiro (1998), os antigos agricultores e suas famílias, a partir da gentrificação e do avanço das tecnologias agrícolas não conseguem se sustentar em suas próprias terras, assim trabalham nas terras de outros. De forma que a agricultura continua sendo um dos principais meios econômicos do município, segundo a prefeitura de Monteiro Lobato.

Também há um desejo de retorno aos velhos costumes, de plantio e produções das próprias ferramentas e alimentos do cotidiano e uma romantização do campo. Onde o enxergam como um lugar calmo ausente das violências da cidade, a qual podem viver uma vida tranquila (Carneiro, 1998). É importante salientar o aspecto trazido por Wanderley (2000), o movimento que surgiu no Brasil nos anos de 1980, o qual moradores urbanos desejam por um ecossistema preservado, sem levar em conta aqueles dependentes desta forma de economia. Além da reprodução de um certo colonialismo de terras, desapropriando-as de os antigos moradores com fins de ali viverem. Se beneficiam da falta de condições financeiras dos residentes anteriores por razão do agro e compram suas terras por preços baixos (Torres; Vivian; Taissa, 2019). Em relação a terras, onde uma das interlocutoras, como citado diz que, um dos espaços resididos da comunidade é uma área ambiental a qual devia se abster apenas a agricultura. Dito isso, teve até mesmo o apoio de seus iguais. Com isso, reprisam os valores capitalistas, os quais afirmam não participar. Porém vivem a ideologia burguesa no estilo de vida semelhante ao urbano, porém em zonas rurais (Carneiro, 1998).

Desse modo, apesar de movimentarem pautas políticas de esquerda e a valorização das agriculturas em escalas não industriais (agroecologia), reproduzem e promovem um movimento semelhante a hegemônica, porém de escala municipal (Carneiro, 1998). É possível notar tais ações ao passo que a caminho e dentro do bairro encontram-se casas mais simples pertencentes às pessoas que herdaram de seus antepassados, e ao lado casas mais elaboradas as quais pertencem aos novos moradores vindos de São Paulo, ou outras capitais. As casas mais elaboradas vão até onde se encontram o asfalto, após essa limitação são apenas residências de aspectos mais simples. Ainda em Carneiro (1998), a forma de consumo destes se destacam por serem estruturadas em formatos pequenos, porém com um funcionamento semelhante à produções de longa escala, onde se vende pacotes para adquirirem os produtos orgânicos de maneira exclusiva e mais barata. Além de em redes sociais se montarem com roupas simples e sujas de terra, a cada postagem

demonstrando o progresso e imersão dessa vida rural contra capitalista, mas entre linhas é notável as contradições.

Figura 2: Introdução do projeto do coletivo



Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 3: Palestra e bate-papo sobre agroecologia



Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 4: Convite para vivência



Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 5: Convite para Curso Sistema Agroflorestal



Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 6: Descrição da vivência e curso sobre agroecologia

espaco.terra.agroecologia Práticas Comunitárias para Construir o Fim Desse Mundo é uma vivência facilitada pela CSA da Montanha, cujo o Espaço Terra é parte integrante, que durante 3 dias vai estimular o saber-fazer através da imersão em mutirões e oficinas em lugares diversos do bairro do Souza em Monteiro Lobato.

A vivência será focada em pequenos processos de autonomia que já estão sendo construídos coletivamente, dentro e fora do bairro, em torno de temas diversos da subsistência como organizações autônomas, agroecologia, fontes de energia alternativas, tecnologias de comunicação e bioconstrução.

Para se inscrever acesse o link na bio!

*

A CSA da Montanha é um projeto coletivo de produção agroecológica que tem como base toda uma comunidade que sustenta este processo. A CSA espalha sementes pra colher frutos em outro mundo.

Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 7: Precificação dos produtos orgânicos

rocadofuturo Bom dia boa tarde e boa noite pessoal!

🌱 A colheita da "ROÇA DO FUTURO" começou e já temos alho, cebola, mandioquinha e abóbora cabotiã produzidos de forma coletiva, orgânica e biodinâmica para oferecer para vocês!

🌱 Para esses alimentos chegarem até sua mesa, vamos fazer um esquema de cotas de parceria, o qual chamamos de "BALAIO".

O BALAIO funciona assim:

- ✓ para cada cota de produto que você assinar - por exemplo, cebola - você receberá uma quantidade específica, com frequência e tempo determinado;
- ✓ 50% do valor é pago ao assinar a cota, e o restante ao final das entregas;

Além da venda através do BALAIO, o excedente dos produtos também estará disponível à venda nas feiras de sábado, na praça do Souza, porém num valor mais alto (ex: cebola na cota 8,00 o kg, na feira 10,00 o kg).

Vejam a lista de produtos do BALAIO que temos no momento:

🌱 **ALHO:**

- 250g quinzenal, por 2 meses, totalizando 1kg por cota.
- Valor: 45,00 o quilo
- Preço da cota: 45,00

🌱 **CEBOLA:**

- 1kg quinzenal, por 2 meses, totalizando 4kg por cota
- Valores: 8,00 o kg
- Preço da cota: 32,00

🌱 **MANDIOQUINHA:**

- 1kg quinzenal, por 2 meses, totalizando 4kg por cota
- Valores: 10,00 o kg
- Preço da cota: 40,00

🌱 **ABÓBORA CABAOTIÃ:**

- 5kg entrega única
- Valores: 8,00 o kg
- Preço da cota: 40,00

Para assinar sua cota, entre em contato com Edu (11 99219-7790)
As entregas serão aos sábados nas datas determinadas, na barraca do CSA. menos

Fonte: Instagram do coletivo rural

Figura 8: Convite para vivência

csadamontanha A CSA da Montanha te convida para um encontro muito especial no feriado de 12 a 15 de outubro em Monteiro Lobato - SP

Entre quinta-feira e domingo vamos estar juntas na Serra da Mantiqueira para discutir ideias e praticar processos de autonomia que nos ajudam a construir desde já um mundo novo e mais comunitário.

São 4 dias de encontro e vivência imersiva contando com uma alimentação incrível feita por duas chefs aqui do bairro para você se nutrir e se inspirar.

Tudo isso sai por R\$ 650,00!

Se inscreva agora através do formulário:

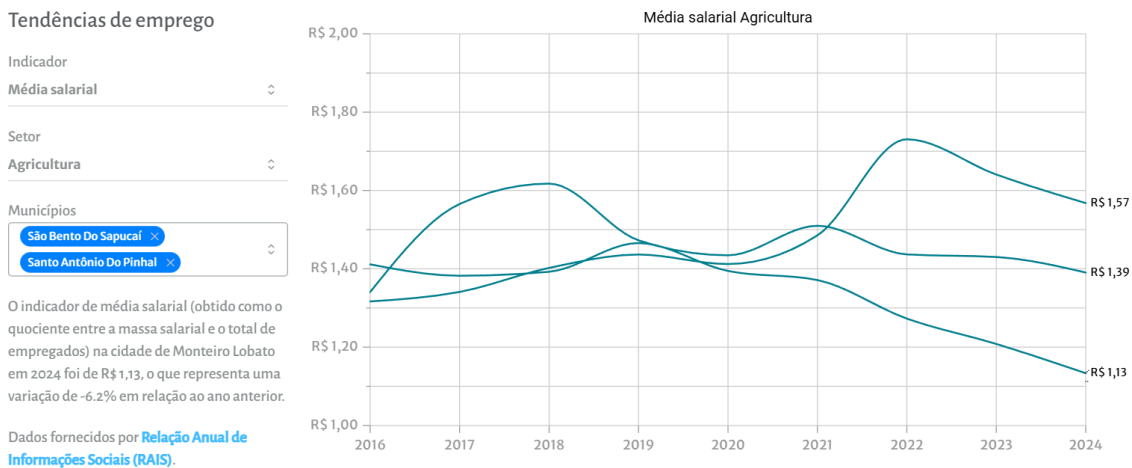
https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd2Trsd8j0bQhJJFBPdj_Xm6P7XRVUEHvTDV8J4WAqMiQLw/viewform?usp=sf_link

(link clicável na bio) menos

Fonte: Instagram do coletivo rural

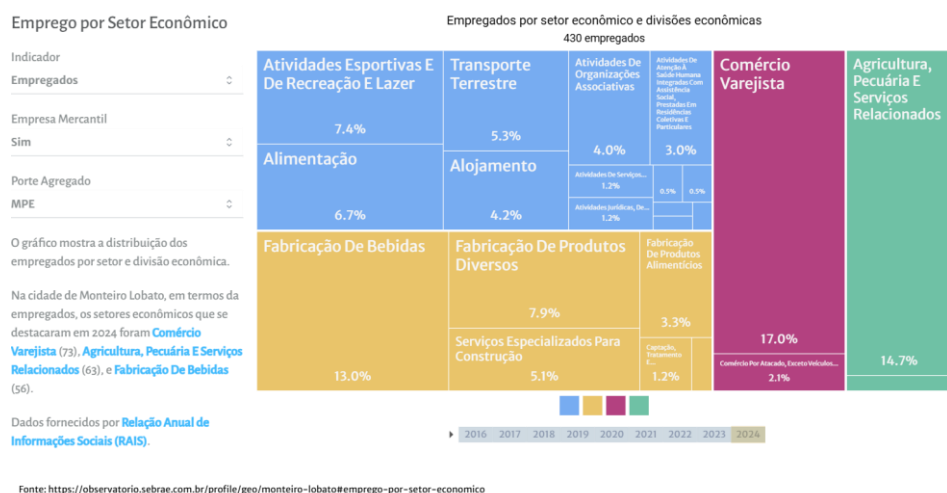
Apesar de suas implicações em relação ao viver em comunidade e uma agroecologia social. E o apelo ao tradicional “mutirão”, destacado por Candido (1975), em que há uma união dos vizinhos para ajudarem uns aos outros ao perceberem que um dos agricultores da região necessita de ajuda, havia também os “trabalhos associados”, no qual cada um tinha sua função na lavoura. Estas estratégias funcionam de forma à se protegerem das indústrias e aumentarem as produções familiares e fortalecer a comunidade local. Mas no que é possível se notar, seus eventos são em grande parte custosos, com valores inacessíveis para a comunidade rural mais carente. No qual segundo o Observatório Setorial Territorial, vai mostrar que os empregados na agricultura tiveram uma redução de -6.2% em relação ao ano anterior, sem contar com a média salarial de 1.889,52 (2025). Além de que seus eventos gratuitos ocorrem em outra cidade que não é aquela na qual as associações têm seu plantio baseado na agroecologia.

Tabela 2



Fonte: https://observatorio.sebrae.com.br/profile/geo/monteiro-lobato?selector243id=indicatorsOption_3&selector244id=sector1&selector245id=#tendencias-de-emprego-2

Tabela 3



Na figura 2, é apresentado ao público o coletivo “Espaço Terra e Agroecologia” e seus ideais como comunidade, onde vão discutir ideias as quais visam a autonomia da comunidade rural e agricultores familiares da região também há divulgação de novas formas de produção agrícola, mais sustentável e menos nociva à terra. Já nas figuras 3, 4, 5 e 8 são convites para convivência e cursos relativos à agroecologia, nestes convites aparece os preços dos eventos pagos com o valor (eles decidiram chamá-lo de contribuição), valores em torno de 600 reais ou mais dependendo da forma que o participante se acomodar nestas vivências. No entanto, a figura 3 se trata de uma palestra gratuita, porém fora da cidade de Monteiro Lobato e em bairro nobre da cidade de São José dos Campos. A figura 6 vai explicar os objetivos de uma das vivências realizadas pelo grupo, trazendo de volta o ideal do processo de autonomia das pessoas rurais, fora dos objetivos hegemônicos do agronegócio. Já a figura 7 discute os preços dos alimentos orgânicos produzidos no local, e formas de adquiri-lo. Em forma de uma mensalidade (na postagem eles optaram pelo nome “balaio”), onde com uma quantia por certo produto é possível obtê-lo por um preço mais barato ou diretamente na feira no bairro dos Souzas, onde terá de pagar o valor integral do produto.

Já as tabelas 2 e 3 mostram a média salarial do setor agrícola da cidade de Monteiro Lobato (1.889,52 (2025)). Assim, ao comparado com os preços dos eventos e cursos realizados pelo coletivo é notável que não é um preço a qual se encaixe na verba deste suposto público. Segundo Antonio Bispo dos Santos, em sua obra supracitada “A terra dá a terra quer” (2023), o autor vai discutir como os produtos orgânicos, os quais inicialmente são propriedade dos agricultores familiares e acessíveis às camadas populares, foram-se transformando em artigos de luxo. Este fato é explícito nessa netnografia, onde apesar de discursos de autonomia das classes de agricultores familiares, os preços são inconcebíveis para participarem e consumirem.

Considerações finais

Conforme o exposto, o município de Monteiro Lobato contém marcas decorrentes da industrialização das cidades interioranas de São Paulo, trazendo em evidência a dificuldade dos agricultores familiares á se manterem em seus terrenos como apontado por Carneiro (1998). Assim, aqueles que ficaram, tiveram de se adaptar às novas formas de economia, como o comércio turístico, pois a cidade faz parte de rotas comerciais além de ter seu próprio patrimônio natural, cultural e social que foi usado para criar esta cidade turística (Barreto, 2012). Assim, os neorurais que em grande parte já conhece o território e têm uma renda maior do que os moradores rurais as

quais trabalham nestes novos centros comerciais ou em cidades vizinhas industrializadas, de forma que, muitos irão vender suas terras para poderem se estabelecer em bairros próximos aos seus respectivos empregos (Carneiro, 1998) (Torres; Vivian; Taissa, 2019).

Dessa forma, no caso de Monteiro Lobato, ocorre a criação de diversos coletivos rurais as quais se juntam em um lote, onde irão plantar e vender o produto seguindo a ideia de agroecologia. De forma que, em teoria, resgate os saberes da agricultura tradicional caipira, que não havia uma produção de longa escala, mas o suficiente para a subsistência e para o comércio local (Candido, 1975), tendo também outros que fazem parte de conjuntos culturais. Porém, apesar de discursos promovendo esse retorno à ancestralidade, nestes coletivos neorurais encontram-se aspectos contraditórios aos valores disseminados, como, os preços expressos em eventos, discursos desprovidos de consciência territorial e um certo distanciamento dos moradores antigos da cidade, tendo em várias falas um tom de superioridade como no bate papo na livraria, onde um dos integrantes afirma que, eles que irão instruir os munícipes a serem autenticamente rurais.

Tendo em vista as informações expostas acerca da renda dos agricultores de Monteiro Lobato, pode-se supor que a faixa de preços das formações e eventos não condizem com a realidade financeira deste suposto público (SEBRAE, 2024). Retomando ao evidenciado por autores referentes à gentrificação verde, os neorurais reproduzem uma economia de expropriação tanto de terras quanto culturais ao se afirmarem detentores do saber da tradição caipira (Carneiro, 1998) (Torres; Vivian; Taissa, 2019). Porém, com o turismo natural da cidade, o público de grandes cidades se interessara em se estabelecerem em municípios menores sem a presença de uma grande massa populacional (Carneiro, 1998), além do potencializador da pandemia e o trabalho home office, as quais fizeram as pessoas repensarem seu modo de vida em capitais como São Paulo e procurar espaços mais isolados e com potencial de uma melhor qualidade de vida (Oliveira, 2020).

Contudo como já ressaltado, o desejo expresso por retornar a cidade ao modo tradicional ocorre sem o devido respeito à cultura e sociedade local, pois, ao criarem seus espaços onde em grande parte se restringe a circulação dos neorurais e em um número inferior os habitantes naturais da cidade. Dessa maneira, há um certo estereótipo e fantasias que envolve as cidades pequenas e interioranas, onde se constrói uma fantasia fetichista em relação ao território que é visto como exótico e diferente do vivenciado em capitais (Guimond; Simard. 2010). Diante do supracitado, os neorurais ao se estabelecerem no território elementos de seu próprio consumo, deixando de lado a própria cultura da cidade que se estabeleceram.

Referências:

ATAÍDES, Fernanda Barros; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DE FREITAS SILVA, Anair Araújo. **A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa.** Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 48, 2021.

BALSADI, Otavio Valentim. **O novo rural paulista: evolução e perspectivas.** Estudos Sociedade e Agricultura, 2001.

BARRETO, André. Monteiro Lobato: Cidade & Escritor. São José dos Campos. JAC. 2012.

CABRAL, Moacir Marcondes. História do Município de Monteiro Lobato (ex-Buquira). São José dos Campos. Editora Barthô.1992.

CANDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. Livraria Duas Cidades: SP. 3 Ed. 1975.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos sociedade e agricultura**, 1998.

DA SILVA, José Graziano. **O novo rural brasileiro**. Nova economia, v. 7, n. 1, p. 43-81, 1997.

FERRAZ, Ricardo; PÉCHY, Amanda. Bons serviços e economia em alta estimulam migração para o interior. Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/com-bons-servicos-e-economia-em-alta-cidades-menores-estimulam-migracao/>. 2021. Acesso em: 03, Nov. 2025.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes,1996.

GUIMOND, Laurie; SIMARD, Myriam. Gentrification and neo-rural populations in the Québec countryside: Representations of various actors. Journal of Rural studies, v. 26, n. 4, p. 449-464, 2010.

G1 Vale do Paraíba e Região. **Entenda a disputa antiga entre Prefeitura de São José dos Campos e moradores do Banhado**. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/12/18/entenda-a-disputa-antiga-entre-prefeitura-de-sao-jose-dos-campos-e-moradores-do-banhado.ghtml>. Acesso em: 21, out. 2025.

IBGE. **Monteiro Lobato. gov.br**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/monteiro-lobato/panorama>. Acesso em: 01, out 2025.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos. p. 179-189, 2017.

OLIVEIRA. Maurício. Fuga para o interior acelera redução da concentração da população nas capitais. UOL. Disponível: https://cultura.uol.com.br/noticias/14547_fuga-para-o-interior-acelera-reducao-da-concentracao-da-populacao-nas-capitais.html. 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/14547_fuga-para-o-interior-acelera-reducao-da-concentracao-da-populacao-nas-capitais.html. Acesso em: 03, Nov. 2025.

OLIVEIRA, Maria das Dores Conceição; Maciel, Lidiane. Das Dores. São José dos Campos: Ybyrá-Una. 2024.

OST. **Monteiro Lobato**. Sebrae. Disponível em: <https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/monteiro-lobato>. Acesso em: 01, out 2025.

PEREIRA, Andrea Rovetta da Cunha; BONSERVIZI, Luzia Aparecida Nogueira. Aspectos culturais da cidade de Monteiro Lobato : estudo de causos. São José dos

Campos, SP, 2003. 28 f. Trabalho de graduação (História) - Universidade do Vale do Paraíba, Faculdade de Educação. 2003 Disponível em: <http://biblioteca.univap.br/dados//000061/00006163.pdf>. Acesso em: 03 Nov. 2025.

Prefeitura de Monteiro Lobato. **Economia**. Disponível em: <https://monteirolobato.sp.gov.br/pagina/7/economia>. Acesso em: 22, out. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá a terra quer. São Paulo: Ubu Editora. 2023.

TORRES, Pedro Henrique Campello; VIVIAN, Mariana Motta; SANCHES, Taísa de Oliveira Amendola. Produção capitalista do espaço e meio ambiente: ativismo urbano-ambiental e gentrificação verde no Brasil. **Cadernos Metrópole**, v. 21, n. 46, p. 689-714, 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas**—o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos sociedade e agricultura, 2000.